
“OURIQUEER” - AS MEMÓRIAS, AS FESTAS E O MOVIMENTO LGBT DE OURINHOS

“OURIQUEER” - MEMORIES, PARTIES AND THE LGBT MOVEMENT OF OURINHOS

“OURIQUEER” - MEMORIAS, FIESTAS Y EL MOVIMIENTO LGBT DE OURINHOS

Caio Campos Monteiro Vicente¹

Fabiana Lopes da Cunha²

Andrea Aparecida Zacharias³

RESUMO: Os eventos LGBT vão além de territórios usuais de divertimento, ultrapassam o modismo de eventos convencionais e suas representações “in loco”. Ocorrem em territórios impregnados de iconografias culturalmente construídas pela sociedade. A busca por lugares de encontro e maior interação sempre foi (e continua sendo) umas das principais características da comunidade LGBT que busca refúgio em grandes centros urbanos, apropriando-se, assim, dos territórios. Porém, como essa relação se estabelece em pequenos centros urbanos, sobretudo no contexto do isolamento das multidões em que os eventos são mais taxativos, segregados e poucos analisados? Mediante a dúvida, o artigo intenta debater a materialidade e formação do território LGBT na cidade de Ourinhos (Estado de São Paulo/Brasil). Para isso, analise-se os eventos produzidos cujas paisagens, identidades e memórias ainda se constituem na cultura de festas privadas.

Palavras-chave: Eventos LGBT. Materialidade e Formação de Território. Paisagens, Identidades e Memórias Privadas.

1 Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – PPGG / IGCE / UNESP/Câmpus de Rio Claro- SP. Bacharel e Licenciado em Geografia pela Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação – FCTE / UNESP/Campus de Ourinhos-SP. Professor na rede de ensino pública do Estado de São Paulo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0912-1020>. E-mail: caiocamposvicente@gmail.com

2 Prof^ª Dr^ª da Universidade Estadual Paulista - UNESP/Campus de Ourinhos/SP, Prof^ª Credenciado no Programa de Pós-graduação em História/ UNESP/Câmpus de Asis/SP, Líder do Grupo de Pesquisa Patrimônios - CNPq/Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1065-9741>. E-mail: fabiana.cunha@unesp.br

3 Prof^ª Dr^ª da Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação – FCTE da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Campus de Ourinhos-SP, Prof^ª Credenciada no PPGG/IGCE/UNESP/Câmpus de Rio Claro-SP, Líder do Grupo de Pesquisa em Geotecnologias e Cartografia aplicadas à Geografia – GEOCART/CNPq/Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9992-7927>. E-mail: andrea.zacharias@unesp.br

Artigo recebido em agosto de 2022 e aceito para publicação em outubro de 2022.

ABSTRACT: LGBT events go beyond the usual territories of entertainment, beyond the fad of conventional events and their representations, “in loco”. They take place in territories impregnated with iconography, in the way society culturally constituted them. The search for meeting places and greater interaction has always been (and still is) one of the main characteristics of the LGBT community that seeks refuge in large urban centers, which “appropriates” the territories. But what is this relationship like in small urban centers? Because, due to the isolation from crowds, the events are more taxing, segregated, and little analyzed. Through the question: Where have LGBT people been in Ourinhos? We will discuss the materiality and formation of the LGBT territory in the city of Ourinhos (State of São Paulo/Brazil), through produced events, whose landscapes, identities and memories are still constituted in the culture of private parties.

Keywords: LGBT events. Materiality and Territory Formation. Landscapes, Identities and Private Memories.

RESUMEN: Los eventos LGBT superan los territorios habituales del entretenimiento, van más allá de la moda de los eventos convencionales y sus representaciones, “in loco”. Tienen lugar en territorios impregnados de iconografías, en la forma en que la sociedad los ha constituido culturalmente. La búsqueda de lugares de encuentro y mayor interacción siempre ha sido (y sigue siendo) una de las principales características de la comunidad LGBT, que busca refugio en los grandes centros urbanos, que se “apropia” de los territorios. Pero, ¿cómo es esta relación en los pequeños centros urbanos? Porque, debido al aislamiento de las multitudes, los eventos son más exigentes, segregados y poco analizados. A través del escalofriante: ¿dónde han estado las personas LGBT en Ourinhos? Discutiremos la materialidad y la formación del territorio LGBT en la ciudad de Ourinhos (Estado de São Paulo/Brasil), por los eventos producidos, cuyos paisajes, identidades y memorias aún se constituyen en la cultura de las fiestas privadas.

Palavras chave: Eventos LGBT. Materialidad y formación del territorio. Paisajes, identidades y memorias privadas.

INTRODUÇÃO - POR ONDE OS LGBT JÁ FORAM EM OURINHOS?

Produzir força de trabalho na forma mercadoria, sujeitos e mercadorias sobre força de trabalho, significa produzir gênero. Um gênero que é produzido, na sua forma na dimensão de mercadorias. Pelos trabalhos sociais, individuais que produzem o gênero (PALHA, Amanda, Tv Boitempo, 2019).

Agarrados nas instituições que trabalham e escrevem para a problematização do território, como ações sociais na materialização, superfície que enamora um sexismo racial, imprescindível para a comunicação e configura a chegada de informações e pensamentos;

as elites homofóbicas, fazem da memória e da educação alguns eixos que, também, estão inseridos e entrelaçados na proposta de análise de sociedade (TREVISAN, 2002).

Na tentativa de compreender, organizar e elaborar um projeto nacional, apoiado em relações com o local e global, o pânico homofóbico e a homossexualização global (PARKER, 2002), trouxe mudanças implantadas nas instituições. Ainda que necessário, é uma reflexão de como essas transformações aconteceram, por exemplo, na cidade de Ourinhos, localizada no Estado de São Paulo, Brasil, em detrimento de eventos produzidos por Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos. A partir de entrevistas concedidas por estes, visa-se compreender a reorganização da moldura e repressão sexual da sociedade Ourinhenese e seus modos de articulação (de maneira sutil ou não). Foi pela dúvida de por onde LGBTs já foram em Ourinhos? (VICENTE, 2019). Assim, a ausência do espaço físico inerente ao território, faz surgir um debate composto por diferentes geografias, configurado pelos eventos LGBT de Ourinhos.

Ora são realizados nos mesmos espaços, ora não. Diálogo, reflexão e relações de poder no espaço urbano (CORRÊA, 1995) em um fluxo mensal turístico evidenciado por uma polissemia política, econômica e cultural visualizada na reorganização do município de Ourinhos. A identidade municipal apresenta-se, assim, marcada pela apropriação de valores simbólicos do movimento LGBT constituído longe dos grandes centros urbanos, Dessa forma, é possível perceber as diferentes expansões e expressões públicas, bem como processos de renegação ao direito privado.

[...] as relações sociais que produzem o espaço urbano não resultam apenas em formas materiais e funcionais que sustentam o processo de produção capitalista. Elas também são marcadas pelos códigos e símbolos que se constroem na vida cotidiana e que estabelecem um sentido particular no processo de produção da cidade códigos, associados a contextos e domínios específicos, a universos simbólicos distintos, nos quais os indivíduos estão sendo permanentemente reconstruídos a partir das relações que mantêm. A cidade é construída por homens que não se esgotam numa dimensão biológica e ou funcional, mas compõem, através de sua existência em sociedade, o processo de construção social da realidade. (SILVA, 2009, p. 10)

Da realidade referida são as relações sociais que produzem o território de um movimento urbano homossexual e que estabelecem sentidos particulares no processo de produção de códigos LGBT, materializando, assim, em formas e funções que sustentam e produzem símbolos (agregação e segregação) que legitimam a resistência, assim como a produção acadêmica de sexualidade e gênero dentro das pesquisas geográficas (SIVA; ORNAT; CESAR; CHIMIN; PRZYBYSZ, 2013), uma vez que;

[...] o perfil urbano de pequenas e médias cidades é ainda pouco explorado pelos geógrafos brasileiros. A maior parte da produção científica relativa ao urbano é

característica da realidade social metropolitana em territorialidades nas pequenas cidades. Este tema, além da necessidade de produção teórica que respalde os estudos científicos das cidades não metropolitana, surge da experiência pessoal tendo em vista o universo cultural já que interpretar a cultura pressupõe mergulhar nos códigos e símbolos que a constituem (SILVA, 2007, p. 9).

Toda a população LGBT do município de Ourinhos e das cidades entorno têm conhecimento desses eventos. Com isso, a população LGBT das cidades do entorno, desenvolvem fluxos e demandas (mensais) de corpos e culturas organizando-se em meios de transportes (vans, carros, ônibus), em dias e datas específicas, além de trabalhadores funcionais para os eventos, encontros e afetos no recorte interestadual do centro-oeste paulista ao norte pioneiro paranaense. Tais processos de narrativas e objetos carregam a herança epistemológica (SEDGWICK, 2016). representada em eventos de saberes construídos no espartilho social do esboço do abandono, de uma homofobia clínica, antropológica, liberal e burocrática (BORRILLO, 2010), interpretadas no pragmatismo pueril e sustentadas pela produção, nos fenômenos psicológicos (individuais) e cognitivos (sociais), de um conjunto de regras que são não conformes à manifestação do sexismo, vigilância do gênero, mas que se manifestam na iconografia de jogos sexuais representados por impressão de atitudes especiais e espaciais para um equilíbrio demográfico (PARKER, 2002).

Assim, o que se verá nessa amostra do estudo é apenas um espectro de detalhes sobre a representação geográfica de Ourinhos, das elites homofóbicas, da segregação socioespacial e as representações da construção da ausência (espaços e territórios) de Carlos Barra, Rodrigo Modesto e Elaine Santos na condição de precursores da composição da memória e tempo LGBT no interior paulista.

CARLOS BARRA, SEU ÍNICIO E O GLAMOUR OPRESSIVO

Ao analisar os eventos LGBT de ourinhos, em primeiro momento como participante desses eventos e, posterior pesquisador do tema, Carlos Barra é o objeto da amostra mais distante, diferente de Rodrigo Modesto e Elaine Santos onde desenvolvem eventos no presente, Carlos Barra tem outras funções. O objetivo de Barra nunca foi arrecadar dinheiro, mas desenvolver e pensar as festas para a criação de um espaço gay em Ourinhos. Foi na dúvida e dinâmica caracterizadas em fragmentos que o produtor exerceu influência na organização de eventos, reformulando-os e modelando-os para a população LGBT de Ourinhos, além de desenvolver novas técnicas para atrair o público específico.

Para Carlos Barra, a criação de um espaço e um território LGBT envolve questões políticas, além de debates sobre uma formulação social do escopo espaço/corpo (SILVA, SILVA, 2011) com narrativas, memórias e fontes que observam o surgimento lento e difícil de uma consciência LGBT, até a consolidação de novos atores políticos no âmbito geral da sociedade, caracterizada pelas manifestações sociais.

Essa identidade, o movimento LGBT fortemente divulgada no início nos anos 60, teve influência da identidade sexual vivenciada pelos homossexuais masculinos de classe média nos centros urbanos brasileiros. Esta mais baseada em uma escolha do objeto sexual do que em papéis de gênero (TREVISAN, 2002). Como objeto sexual da modelação social, o *plantation e as comedireis* (PARKER, 2002), *deram as* origens culturais operárias ainda moldam seu comportamento sexual segundo o quadro “homem/bicha” e os homossexuais urbanos de classe média, em geral, abraçaram o conhecido como uma identidade gay. A dicotomia sexual criada a partir da raça e do comportamento tomou forma, inicialmente, entre os homossexuais masculinos nos centros urbanos de papéis de gênero (GREEN, 2000) e, posteriormente, dominou todo o urbanismo queer e as expressões LGBT em territorialidade nas cidades dos grandes centros e periferias capitalistas. Esse processo pôde ser visualizado, algumas vezes, em territórios no processo de gentrificação e também no turismo queer. (VIEIRA; SILVA; SILVA, 2011).

[...] os primeiros acontecimentos gays noturno em Ourinhos começou mais ou menos há 30 anos atrás, o primeiro movimento de uma casa noturna, porque o que acontece, em local em cidade pequena, se criar um barzinho, vem você que é gay, vem outro que é gay, vem um artista, vira um espaço gay mas sem o título, se coloca o título, cai fora o pessoal “normal”, se você não colocar bar gay ou GLS, o povo “normal” vai e as gay no meio (VICENTE, 2019, p. 39).

A partir do final dos anos 80, a palavra “gay” foi radicalizada para as palavras “bicha e viado”. A palavra “gay” ficou referenciada, sem uma preferência sexual (entre ativo e passivo). Já para as classes sociais mais “pobres”, a dicotomia “bicha/viado” (com preferências sexuais entre ser ativo ou passivo) se tornou presente como limite da identidade cultural. Essas questões relacionadas à identidade como corpo, cultura e acessos são associadas a um individualismo consumista. O poder controlado da desigualdade. Esta presente na comunidade LGBT, modela os territórios as quais os corpos são conformados mediante grande influência do espaço físico e da paisagem (GREEN, 2000).

O primeiro ambiente gay que teve aqui foi o Akita, um restaurante durante o dia, perto da prefeitura de uma senhora japonesa Cláudia, abria durante o dia e tinha um salão no fundo, naquela época tinha muito show de transformismo no Sílvio Santos. “Monta aqui showzinho de noite, você vai ver, vai atrair gente” pegou quatro amigos nossos gays, uma virou DRAG: Daiane Calegari, tinha Érica, uma travesti e mais uma meia dúzia de gays que faziam shows a noite, aquilo lotava, foi o primeiro espaço gay Ouriense, as estrelas da casa era a Marriete, Eloisa Mané. (VICENTE, 2019, p. 40)

Os eventos LGBT’s de Ourinhos, na disputa por um espaço, configuraram-se no território e em suas materializações. A falta de espaço físico apropriado, a necessidade de um produtor de evento toda essa dinâmica movimenta um fluxo mensal de pessoas das cidades menores no entorno de Ourinhos, tanto no Estado de São Paulo quanto no Estado do Paraná.

A posição geográfica de Ourinhos reflete na formação cultural LGBT que sempre recebe influências de Curitiba-PR e São Paulo-SP. Isso faz com que a cidade venha a manifestar uma cultura permeada por expressões de poder e gênero social, na influência da população e seus processos migratórios. Essa cultura ambienta a formação homossexual nos comportamentos sociais, além de composições que materialização semelhante. Nesta perspectiva,

[...] durante todo o século XX e especialmente pois 1930, quando houve uma melhora no sistema de transporte, esses homens passaram a transitar com maior facilidade rápida entre esses dois centros urbanos criou expressões culturais semelhantes, assim como códigos, gírias e comportamento sexuais similares. Entretanto, diferenças entre as duas cidades influíram alguns aspectos da formação da subcultura homossexuais. As tradições e a cultura afro-brasileira tiveram mais influência no Rio de Janeiro, enquanto a imigração europeia e japonesa em grande escala para São Paulo. As manifestações públicas da homossexualidade, como as pressões nos bailes carnavalescos de travestis, as celebrações de rua. Apesar dessas outras diferenças, as fontes históricas disponíveis em ambas as cidades permitem a textura de uma história social rica e complexa. (GREEN, 1951, p. 36)

O desenvolvimento influenciado pela comunicação e transporte começa uma “cartografia do armário” e as estratégias do desejo em uma cidade do interior paulista com as imigrações e, a posteriori, com o novo relevo econômico do paulistano (SPOSITO, 2021), modelando e reformulando economicamente o agora que se mostra agrupado por corpos no interior paulista que se relacionam mediante processos de expressões culturais, códigos, gírias, comportamentos, além da descoberta do dialeto iorubá na comunidade LGBT (CRUZ; TITO, 2016).

O gênero não existe em si, mas uma representação materializada pelas práticas cotidianas, constituindo a falsa noção de estabilidade como prerrogativa importante do território de influência sobre a transição dos meios de comunicação, identificados a princípio de uma narrativa com influências geográficas exercidas pela história, o complexo espaço paradoxal⁴ (ORNAT, 2009).

Uma pessoa não pode ser concebida apenas como constituindo um gênero, já que também devem ser levadas em consideração a sexualidade, a raça, a religião e a classe social, que são vivenciadas espacialmente e temporalmente. As diferentes facetas identitárias são construídas e reconstruídas por meio de um processo de mutualidade e reconhecimento envolvendo os seres humanos em relação a outros seres humanos. Certamente, todos os elementos identitários citados são vivenciados simultaneamente pelas pessoas. Contudo, é na experiência espacial e temporal que um ou outro elemento se torna mais expressivo, tensionado com outros grupos também complexos. (SILVA, 2009, p. 87)

É no *Akita*⁵, restaurante de dia e casa noturna a noite, que começa a experiência, tendência espacial, social e temporal, como elemento expressivo. Desenvolvendo-se então eventos e manifestações em um espaço físico. Influências migratórias na configuração social do território, apropriado por possibilidades e interpretados por poder e relações. Vide que não se poderia dar nomenclatura; “Gay” “GLS”, “GLBT”, “Queer”, “LGBT” para o espaço físico, essa relação de poder se faz pelo aparato do silenciamento, esquecimento ou a indiferença. Muitas das análises e perspectivas sobre corpos LGBT’s, eventos e entendimentos concentra-se nas produções dos grandes centros urbanos.

Autores como James Green⁶, Leandro Colling⁷, Edward Macrae⁸, Peter Fry⁹ e Renan Quinalha¹⁰ concertaram em entender as dinâmicas de gênero e sexualidade nos grandes centros urbanos. Embora suas obras sejam atemporais e inovadoras, as análises dos teóricos se concentram em grandes centros urbanos, principalmente nas gerações populacionais, simbólicas, reflexões, comportamentos e imagens, das quais a cabe à geografia abrir o diálogo para fomentar um debate interdisciplinar.

Ao analisar os eventos LGBT’s de Ourinhos e entender a dinâmica dos corpos como “modeladores” do espaço, é possível depreender, sobretudo apoiado na entrevista de Carlos Barra, a influência de São Paulo (um grande centro urbano) na realidade local.

Depois, três ou quatro anos, de Bernardino de Campo, Rogério montou uma no final da expedicionários chamada *GENTS PRIVE*, tinha uma *GENTS* em São Paulo, ele montou essa *GENTS PRIVE*, naquela época, eram shows aos moldes das grandes casas de São Paulo. Começava um *DJ* a meia noite às duas da manhã balada, depois entrava hostes, fazia a apresentação, das duas às três, show com a *drag*, *gogoboy*, *gogogirl* e depois balada de novo até seis horas da manhã. Antes de ser mensalmente, a gente fazia umas três ou quatro por ano, terminava um começava outra, aí começamos mensalmente em 2012, e eu me candidatei, nisso o Modesto, fazia a festa dele acoplada a minha no aniversário dele, pegava essa data e fazia a festa dele, eu parei em maio, ficou maio, junho sem fazer, julho e em agosto ele fez a dele, pessoal gostou e começou a fazer, só que ele fazia baladinha, ele pegava um *DJ* que tocava alguma coisa (VICENTE, 2019, p. 89).

A ascensão e os comportamentos compartilhados sobre as informações afloram uma ríspida transição de composição e comportamento social na organização política, no espaço geográfico. A candidatura política de Carlos Barra ao cargo de vereador consolida e influencia a mudança política de produção de eventos, agora transacionada para Rodrigo Modesto. Utilizando-se de sua experiência na promoção de festividades, Carlos Barra tentou desenvolver uma festa LGBT na FAPI¹¹.

À época, era permitido o aluguel do espaço para a produção de eventos, porém no lampejo da descoberta de evento LGBT, a festa era burocratizada ou cancelada. Um processo financeiro abusivo no formato de aluguel ou taxas acabava por dificultar os encontros. Com isso, toda a população LGBT pagava duas vezes. Os territórios LGBT’s em Ourinhos mostram-se, assim, malogrados em processos de especulação imobiliária.

A gente aluga Barra, mas que se vai fazer? Ah uma festa GLS?!, Ah não dá, não pode. Não rolou. Na FAPI se paga aluguel, você pagava só a taxa para usar o espaço, então paguei duas vezes. Enquanto eu pagava mil reais no Pica Pau, aluguel na FAPI era por 214 reais. Fiz a primeira vez, foi um zunzunzum dos vizinhos, entraram com um pedido na prefeitura, não deixaram eu fazer mais nada, não pude fazer, teve outras festas, mas festas GLS não pode. “Ah porque não dá, não sei o que”. No Pedrão Queijeiro juntou os vizinhos pararam de alugar. GLS não dá. Barra não dá, não quero associar o nome a isso (VICENTE, 2019, p. 44).

É com a dificuldade de fazer eventos, é assim com a libertação da população LGBT. A formação de territórios LGBT's no município de Ourinhos requer demanda e manutenção, pois, para além das relações de poder, demarcam formas simbólicas de rarefação. Márcio Ornat, importante geógrafo sobre geografias, gênero e sexualidade reflete sobre o tema:

Uma ação possibilitada pela intermediação de relações de poder, a instituição de um campo de força, a projeção espacial de relações sociais, delimitando, restringindo e excluindo pessoas e comportamentos. Este território demanda constante manutenção, pois além de fruto das relações de poder, é base para elas, demarcações não necessariamente devem ser formais, podendo existir de forma rarefeita e/ou simbólica. Mesmo divergindo em algumas questões, o território é aceito como pressupondo a existência de espaço-fronteira-poder. (ORNAT, 2010, p. 79)

Mesmo que trancados em armários, reverberados nas expressões perdidas no tempo e sem poderem construir uma paisagem LGBT de cultura pública, Carlos Barra desenvolveu eventos em Ourinhos que auxiliaram a formação territorial no tempo. Assim, eventos que iniciaram em um restaurante japonês, no período noturno, transmutaram-se no tempo e mantiveram as influências e culturas a partir da memória de Carlos Barra. Assim, as paisagens LGBTs formadas em domínio privado eram observadas em chácaras escondidas, espaços realocados e especulações na composição social pelo próprio quadro da história LGBT de Ourinhos.

Não causa estranheza que, na entrevista, Carlos Barra decidiu parar de produzir eventos para concorrer a um cargo público. Rodrigo Modesto ficaria no seu lugar, herdando seu público e metodologia de eventos, e mesmo modelando e organizando os eventos LGBT's de Ourinhos, inerente a comunidade LGBT, perde a eleição para um cargo público. A não politização da população LGBT fez a ilusão eleitoral de Carlos Barra. Ao analisar as paradas LGBT's de Goiânia (MAIA, 2011) diz que a palavra “festa” aparece como maior motivo para participação nas paradas. A segunda é “festa e manifestação política” e a terceira apenas “manifestação política”.

Os eventos LGBTs produzidos por Carlos Barra constituíram-se como uma grande festa popular LGBT na cidade de Ourinhos, no entanto, sem o desenvolvimento de consciência política e social nas esferas públicas (executivos, legislativo e judiciário). apenas a diversão para a população LGBT, diversidades e diversão que dialogam para desenvolver, festas, diálogos e empecilhos locais para os corpos LGBT's. Qual é a herança que Carlos Barra deixa para a população LGBT de Ourinhos? Quais são as reflexões e indagações?

Esses eventos são jogos entre a humanidade e a animalização a partir do modo de como esse sacrifício (econômico) opera, tornando-se uma “solução limitada” para “o problema incessante posto pela impossibilidade de ser humano e de escapar aos limites das coisas sem retorno ao sono animal” (BATAILE, MAIA, 2011).

RODRIGO MODESTO, SUA ERA, EÓN, PERÍODO E ÉPOCA

Carlos Barra queria a criação de um espaço cultural, fundamental no exercício do poder em um espaço físico. Já Rodrigo Modesto (que a primeira festa foi em 2003 e a última em 2017, num primeiro momento, instituiu em “reunir a galera”, da influência paranaense de Jacarezinho-PR. Depois, num segundo momento a partir de uma parceria com Carlos Barra, começou a desenvolver eventos, com a intenção de reunir pessoas. A expressão “reunião”, aparece recorrente na entrevista para a análise da amostra, da possibilidade social de sobrevivência; reuniões, eventos e disponibilidade social da informação, fundamental para a constatação da cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade (SILVA, 2009).

Pica-pau¹², foi o lugar que mais fez festa, era o interesse financeiro, porque se fosse por interesse social alguma coisa desse tipo podia esquecer, ele é preconceituoso, muito preconceituoso, machista!, a parte financeira, só interessava para ele. Foi uma por mês, às vezes acontecia duas, mas em dezembro, fazia duas no mês. Uns três anos que eu fiz lá, doze por ano. No começo, eu não tinha noção do que eu estava fazendo, depois com o passar do tempo eu acabei vendo o papel social que estava desempenhando, eu acho que foi muito importante não só pra Ourinhos mas a região toda, ela não tem nada pra galera fazer, então foi mais esse papel social. Para reunir a galera, principalmente, porque meu propósito maior era unir a galera (VICENTE, 2019, p. 50)

Há uma perspectiva importante ao analisar os eventos produzidos por Rodrigo Modesto, com uma dinâmica econômica de 10 (dez) anos. A maioria dos eventos produzidos foram no centro da cidade. Um lugar físico, quase fixo, com o nome de “Pica Pau”. Um espaço paradoxal, do desejo sexual e realidade de gênero. Com características de *buffet* infantil, reorganizado para os eventos LGBT's.

A respeito do território e sua territorialidade, o argumento de que não foram os produtores e sim a população que pediu a presença de convites VIP, reflete sobre essa

composição de territorialidade. Isso é uma cultura LGBT não só presente em Ourinhos, mas uma tentativa social de divisão de classes ou “status sociais de poder”. Porém, “é importante enfatizar, contudo, os processos altamente complexos de industrialização, urbanização e desenvolvimento socioeconômico que tiveram papéis essenciais, embora de forma diversa, na estrutura do mundo gay (ou dos mundos gays) na vida brasileira contemporânea (PARKER, 1956). Considerando os pontos de interface sobre territórios e territorialidades, isso associado ao custo econômico de usufruir da cidade, o valor econômico a qual ela tem, a cidade e a cultura LGBT, a paisagem LGBT de cultura pública, convém indagar: é possível refletir a cultura de aceitação de sociedade? É possível analisar as questões LGBT’s sem a homofobia?

Ao observar os eventos LGBT’s e levantamentos e orientações acadêmicas, a paisagem das culturas LGBT’s sempre ficaram no domínio privado (festas particulares onde tudo era possível). Ao acabar as festas, ficavam ali as memórias, identidades e vivências e, com isso, a paisagem torna-se privada, momentânea e itinerária (porque sempre dependerá do lugar onde será a festa). Uma visão importante pois, em suma, a maioria das análises feitas por Paradas do Orgulho da Diversidade são em lugares abertos e públicos. Sob essa ótica, a realidade das vivências não normativas das cidades do interior deixa de ser considerada. Ourinhos não tem parada LGBT, tentou-se dialogar sobre, mas o debate ficou parado no tempo. As tentativas de articulação do movimento acabaram criando intrigas e políticas internas que dificultaram a libertação da população LGBT.

Com uma relação econômica importante, esses eventos modelam e organizam a perspectiva de consumo um lugar, A parada do orgulho LGBT, por exemplo, tem papel relevante na vida econômica de qualquer cidade. Ourinhos, contudo, não experiencia esse tipo de relação econômica porque não tem parada LGBT. Suas relações econômicas de relação poder são mais cruéis e destrutivas. As elites homofóbicas, desenvolveram técnicas de opressão para o exercício do controle da sociedade.

Fala que tipo de festa que era e não queria alugar, aconteceu muitas vezes, inclusive na penúltima festa que eu fiz em Ourinhos, a proprietária do lugar tinha colocado como regra não alugava pra “rave e nem pra “festa GLS” e mesmo assim, falei que era uma festa dos meus amigos, fiz a festa, sabia que ia fazer e não poderia fazer mais. Na Associação dos Frentistas a mulher que era responsável ficou sabendo depois que foi uma festa gay, mandou avisar que não alugaria mais. Já veio político querendo fazer politicagem, querendo falar com o pessoal, entrar na festa, eu não quis misturar as coisas, inclusive tinha um, chegou a fazer algumas festas em Ourinhos, ele saiu candidato a vereador, e ele chegou a querer fazer campanha e tudo, eu conheço ele a muito tempo e ele nunca se aproximou da galera, não sei porque, conservadorismo também, tem a religião dele, daí na hora que ele precisou de voto, ele queria se envolver com a galera, e eu não achei saudável a mistura. (VICENTE, 2019, p. 51)

Não é Carlos Barra a quem Rodrigo Modesto se refere e sim a um corolário lógico (TREVISAN, 2002) de lugares vinculados a datas e contratos, valores e lucros característicos por momentos, no pensamento que trabalham com a problematização do território, desenvolvida no tempo que produzia festas e posteriori, devido ao fluxo da população entre Ourinhos e outras cidades (do Estado de São Paulo e Paraná) nas dinâmicas das cidades (VIEIRA, 2010). A paisagem privada dos eventos LGBT's de Ourinhos agora tem um lugar físico, chama-se Pica-pau. Estima-se, pelos dados, que 40% das pessoas que compareciam aos eventos LGBT produzidos por Rodrigo Modesto eram do Paraná e 60% de São Paulo. Há, portanto, uma forte influência Paranaense permeada na população de Ourinhense.

No começo a gente usava muito o Bate papo UOL, “não tinha muita ferramenta na época, 2003, 2002 no começo de 2000, entrava ali, várias salas, várias abras e da região, cidade pequena não tinha a sala e pegava as salas da região e entrava, “control c + v”, ai a pessoa vinha falar comigo, pegava o MSN e adicionava e pronto, minha intenção era pegar o MSN da pessoa, consegui pegar o MSN, ai mandava sempre a propaganda pra ela, email a gente usava bastante, mandava bastante e na época a gente usava muita panfletagem, usava bastante Orkut. A gente colava, fazia cartazes, coloca nos pontos mais visíveis, rodoviária, no centro e sempre tinha uma pessoa que ajudava na cidade, dava panfleto pra pessoa. A gente não distribuía para qualquer pessoa, a gente tinha que saber quem entregar. (VICENTE, 2019, p. 53)

Modesto, então, produziu eventos LGBT's em Ourinhos/SP/Brasil por 14 (quatorze anos). Na entrevista mais monossilábica, nota-se o jogo de entrelinhas para desenvolver, dissolver, entender, ressaltar e contextualizar o desenvolvimento. Planificou na memória da população e na perspectiva sobre eventos LGBT's em Ourinhos, da memória oral do silêncio na narrativa presente em manifestações culturais da narrativa monocromática de apenas um espaço físico e a relação de poder (SILVA; SILVA, 2011), com isso modelou e reorganizou a composição dos eventos, porém nos modelos sociais implementados no transicionar transferência de público.

O consumo, a nova ordem e desordem mundial (HAESBAERT COSTA; PORTO GONÇALVES, 2006) e toda uma narrativa, agora presente dentro do debate pública (ou tenta-se debater), desenvolve uma narrativa urbana e controle social que modelam a composição da população LGBT (WOLF, 2021). Acumulação baseada na intensificação do consumo, (corporemente-espaço-acessos) via métodos trabalhistas de formação produtiva, na intensificação, centralizada na regulamentação do monopólio, materializou-se e organizou-se na pós-moderna. Acumulação associada a relações estabelecidas como o modelo de acumulação flexível do fordismo/pós-modernidade, com isso ambos taxonomicamente flexível, instalou-se no movimento LGBT Brasileiro e Ourinhense, composições que se intercala ao diálogo das relações entre os eventos e as transições do planejamento da paisagem¹³ um discurso,

uma estrutura social de inteligibilidade dentro da qual todas as práticas são comunicadas, negociadas e desafiadas. Assim, os discursos estão sempre permitindo recursos e limites dentro de certas direções de pensamentos e ações que “aparentemente” são naturais. A pretensa naturalidade da ordem do mundo e, portanto, da dimensão espacial da sociedade, é resultante de vários embates e lutas entre os grupos sociais. (SILVA; DUNCAN, 2008) privada e o desenvolvimento social, econômico e o deslocamento espacial.

Na reorganização, os agentes e atores sociais do mundo LGBT, transacionando em economias de escolas, uma economia de escopo e corpo que foi conduzida por uma hierarquia/homogeneidade, agora reverbera em uma anarquia/diversidade, e o surgimento da identidade “gay e lésbica”. Na cidade, as expressões e manifestações habitam o público, agora desabrigados em um produtivo/universalismo, o capital fictício/localismo de forças estatal/capital, minimalista/sindical, atribuído a financeirização de complexos corporativos e a desresponsabilização social do estado.

A forte presença de sujeitos coletivos é desconstituída de sujeitos coletivos, o bem-estar social configurado no neoconservadorismo e agora a ética/mercadoria-dinheiro, uma ética estética/dinheiro contábil que delimita a produtividade e originalidade, reprodução e ecletismo. Tal qual aqueles ditos operários vanguardistas tornaram-se administradores comerciais e todo o centralismo (vide a influencia dos produtores nesses eventos) e o totalitarismo, agora descentraliza e desconstrói as sínteses dos negociadores coletivos, uma antítese de locais, como a produção em massa, que agora é produzido em pequenos lotes como políticas de classes.

Carlos Barra, ao iniciar a produção de eventos, caminhou por diferentes moldes de espaços físicos em diferentes paisagens. De chácaras a espaço de lazer, associações de trabalhadores a casas noturnas no ostracismo. Todo o tipo de lugar e de paisagem formando territórios nos eventos LGBT's de Ourinhos numa tentativa de “interação, divertimento e cidadania”.

Essas festas são fatores sociais (MAIA, 2011), pois tanto Carlos Barra quanto Rodrigo Modesto e Elaine Santos caminharam por diferentes espaços físicos, diferentes paisagens que modelaram o comportamento dos eventos e toda a sua interação social. A certeza de Rodrigo Modesto de um espaço físico para seus eventos não alterou a estrutura opressiva, apenas reorganizou em outros formatos. A luta pela conquista de espaço físico para eventos perde, portando, a oportunidade para debater amplamente a diversidade, o respeito, a cidade (e a cidadania) e o acesso à cidade para a população LGBT. Toda essa dinâmica opera em prol de valores heterossexistas e a ideologia homofóbica, rotulando esses eventos e fazendo a população pagar por valores de bilheteria, bebidas, além de ter que usufruir de um espaço físico mais caro do que a média.

Esses excessos de valores nos eventos traduzem visões de mundo e salientam a diversidade de gênero existentes na sociedade contemporânea. A cidade, nessa lógica, encontra sua síntese, mostrando que é formada por expressões identitárias, culturais e políticos, laborando para advertir participantes das festas.

ELAINE SANTOS, SEU LACRE, FEMINISMO E A OUTRA GLOBALIZAÇÃO

Rodrigo Modesto visualizou Elaine Santos, assim como Carlos Barra visualizou Rodrigo Modesto, uma herança epistemológica de vendedor de convite. A terceira produtora, única mulher, eclode com o debate e reflexão da geografia feminista (SILVA; ORNAT; CHIMIN, 2016), materialização elaborada no tempo, direta e/ou indiretamente. O nome Lacre é uma importante palavra para a atual compreensão social e LGBT.

A Lacre está com um ano. Início da Lacre dia 14 de julho de 2017, eu sempre trabalhei com o Modesto, a gente fazia festas juntos, a gente conversava muito e ajudava ele a vender os convites. Quando ele foi embora, ele comentou comigo “oh, você deveria continuar com isso”. Passo um tempo, um amigo meu ligou, já fazia uns quatro meses que não tinha nenhuma festa, a Laura Trombelli chegou em mim e falou o “Pão do Pub” cedeu uma data pra mim, pra fazer uma festa, você não quer me ajudar?!” Ai falei “Vamos!”, a gente sentou e começou a conversa sobre como seria essa festa, expliquei que não gostaria que fosse uma festa nos moldes do modesto, porque na verdade, aquilo que eu senti, quando ele montava uma festa com um tema, era por o flyer. [...] quando o Rodrigo foi embora, a galera já esperava que eu fizesse, eu falei: “bom, estão acreditando em mim”. Eu já queria trabalhar nessa área de publicidade, também envolve eventos, então foi uma grande sacada, ele indo embora, eu já trabalhava com ele nessa área e gostava e quando ele foi embora, montei uma coisa que eu queria, que na verdade, eu ficava tentando por na cabeça do Modesto. (VICENTE, 2019, p. 58)

Vide o “relevo’ econômico” (SPOSITO, 2021) do interior de São Paulo, mostra a desconcentração industrial no estado de São Paulo. Processo do início dos anos 70 e que alterou o mapa e seu território, o interior com isso não é mais um espaço plano ao relevo econômicos das cidades do interior do Estado de São Paulo e o desenvolvimento social nos processos migratórios eclode no *Akita*, nos meios de comunicação e fluxos dos processos populacionais. Com o desenvolvimento econômico do interior de São Paulo, muitas cidades desenvolveram suas identidades, economicamente, socialmente, bem como nas questões LGBT’s. A população LGBT usou da internet para emancipação. Essa emancipação é demasiada articulada com setores e estruturas profundas da sociedade. Dependência estrutural, desenvolvimento industrial e crescimento urbano, desenvolvendo um capitalismo dependente e uma cultura gay (PARKER, 1956).

Com os processos de desenvolvimento de globalização ou com os materialismos históricos que acreditam que o comportamento das pessoas e as atitudes são moldadas pelo seu ambiente material, segue o ambiente material, a paisagem privada. A sexualidade é um comportamento fluido, não fixo e suas várias expressões têm sido historicamente determinadas.

Na ausência de um produtor de evento, configurou-se a comunicação pelas redes sociais, perspectiva da relação, do dilema de uma visibilidade. Diferentemente de Carlos

Barra que divulgava os eventos pessoalmente, Rodrigo Modesto transacionou pelo modo de comunicação da festa Lacre de Elaine Santos, agora, no ambiente virtual.

Eu faço por *WhatsApp* e *Facebook*, a maioria das coisas e cartazes, colo carta pela cidade. Porque o cartas eu uso no jornal geralmente é assim, na parte de divulgação, o negócio sede um espaço na página deles, eles fazem o sorteio e postam também no jornal deles, os *Flyers* do evento. Quando eu montei a Lacre, montei ela dentro de um *Call Center* sentada conversando, “cara, quero fazer isso, eu fui pra uma festa em São Paulo, chama Recalque.” Essa festa não existe mais, se torno a VHS hoje, a Recalque, divulgo a recalque e aí eu fui na festa. Mas não preciso do show exatamente, as pessoas não prestam atenção no show da DRAG, se não for um som, eles não vão parar ficar assistindo, mas se for de duas eles já não ligam. Fecharam o Galileu, não deu tempo de salvar. Tinha 500 pessoas lá dentro, a polícia tava toda lá na frente, eu com bebida pra entrar e a galera lá dentro nem sentindo o que tava acontecendo lá fora. (VICENTE, 2019, p. 59)

No caso do mundo atual, temos a consciência de viver um período que mais facilmente temos a utilização de recursos técnicos mais avançados e da ciência pelas novas formas do grande capital. Quando se coloca um novo sistema técnico, muda-se o comportamento e a fluidez, colocam configura-se em um sistema de relações presentes e referências que foram colocadas a partir da reprodução cultural de visualização universal.

Mas sua cultura, por ser baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a força necessária para deformar, ali mesmo o impacto da cultura de massas. É desse modo que, gerada de dentro, essa cultura endógena impõe-se como um alimento da política dos pobres, que se dá independentemente e acima dos partidos e das organizações. Isto seria, aparentemente, uma fraqueza, mas na realidade é uma força, já que se realiza, desse modo, uma integração orgânica com o território dos pobres e o seu conteúdo humano. Daí a expressividade dos seus símbolos, manifestados na fala, na música e na riqueza das formas de intercurso e solidariedade entre as pessoas. (SANTOS, 2003, p. 70)

Sempre evidenciada como algo contrário ao pensamento dos produtores, todos reverberam o mesmo debate de não vou mudar o sentido da festa, porque VIP não vale muito a pena, perder dinheiro. Nos eventos LGBT's de Ourinhos, e a quebrar uma lógica colaborativa, onde todos pagam o mesmo valor. “Quiseram separar as poc das finas”¹⁴ enfatiza Carlos Barra referindo-se a casas noturnas de São Paulo onde a segregação social foi o principal limitador da formação urbana, saindo do centro e para regiões não periféricas de São Paulo.

Com a globalização, o uso das técnicas disponíveis permite a instalação de um dinheiro fluido, relativamente invisível, praticamente abstrato. Talvez por isso sua existência concreta e sua eficácia sejam resultado das normas com as quais se impõe aos outros dinheiros [...] permitindo-se, desse modo, a elaboração de um discurso, sem o qual sua eficácia seria infinitamente menor e a sua força menos evidente. (SANTOS, 2003, p. 49)

É a desobediência e herança intelectual miltoniana (SILVA; ORNAT; CHIMIN, 2016) que coloca como referencial para uma nova abordagem para uma análise do processo do corpo como elemento da geografia, do território institucionalizados e o movimento LGBT longe dos grandes centros urbanos, no contexto da população, traz uma reflexão sobre o processo de globalização em pequenos centros urbanos sobre as questões de gênero e sexualidade, como também o comportamento da sociedade LGBT brasileira.

Na perspectiva sobre o território, da fragmentação do dinheiro, o acesso chega mais rápido. Portanto, a “globalização” em termos identitários como “gay”, “lésbica”, “transexual” entre outros, é um produto do processo realizado pelas classes econômicas dominantes culturalmente ocidentalizadas que reflete na identificação cultural de indivíduos que não enxergam as identidades “tradicionais” de suas culturas e reflexos do seu eu. Nesta lógica, Milton (2003), destaca que

No fundo, a questão da escassez aparece outra vez como central. Os “de baixo” não dispõem de meios (materiais e outros) para participar plenamente da cultura moderna de massas. Mas sua cultura, por ser baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a força necessária para deformar, ali mesmo o impacto da cultura de massas. Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. É desse modo que, gerada de dentro, essa cultura endógena impõe-se como um alimento da política dos pobres, que se dá independentemente e acima dos partidos e das organizações. Tal cultura realiza-se segundo níveis mais baixos de técnicas, de capital e de organização, daí suas formas típicas de criação. Isto seria, aparentemente, uma fraqueza, mas na realidade é uma força, já que se realiza, desse modo, uma integração orgânica com o território dos pobres e o seu conteúdo humano. Daí a expressividade dos seus símbolos manifestados na fala, na música e na riqueza das formas de intercurso e solidariedade entre as pessoas. E tudo isso evolui de modo inseparável, o que assegura a permanência do movimento. (SANTOS, 2003, p. 70)

Quais são as culturas de massas dos símbolos LGBT’s e quais símbolos daqueles que não podem ter acesso? Na tentativa de criar uma identidade, cria-se uma marca para assim a aceitação daquilo que é representado por uma cultura LGBT. Na narrativa daqueles sem acessos,

baseado em um território sem paisagem cultural pública, aflora a territorialidade, como territórios alternativos e materializa-se nos comportamentos e expressividade de símbolos que manifestam em falas, gestos, gostos e culturas como uma simbologia, ecoa em diferentes formatos e produz certamente diferenças sociais entre o movimento LGBT. Explicita, Santos (2003) que

[...] a cultura de massas produz certamente símbolos. Mas estes, direta ou indiretamente ao serviço do poder ou do mercado, são, a cada vez, fixos. Frente ao movimento social e no objetivo de não parecerem envelhecidos, são substituídos, mas por uma outra simbologia também fixa: o que vem de cima está sempre morrendo e pode, por antecipação, já ser visto como cadáver desde o seu nascimento. É essa a simbologia ideológica da cultura de massas. Já os símbolos “de baixo”, produtos da cultura popular, são portadores da verdade da existência e reveladores do próprio movimento da sociedade. (SANTOS, 2003, p. 71)

É na alternância de comunicação que os modelos de eventos são alterados, novos formatos de eventos que podem modelar-se no tempo. A população LGBT é material, porém imaterial ao olho nu. A heterossexualidade invisível fez disso a condição LGBT de refúgio social de comportamentos e ideias, um espelho social dos comportamentos sociais. Ao analisar as entrevistas de Elaine Santos, fica evidente a inserção nos processos globalizados nos pequenos e médios centros urbanos (SILVA, 2000), resenhando os pequenos municípios e os formulando em uma nova concepção de condição, dentro e fora das fronteiras do espaço conquistado. Assim, o espaço conquistado é o território LGBT que exerce o poder no entorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A HETEROTOPIA E A CONCLUSÃO QUE SAIU DO ARMÁRIO EM UM EVENTO LGBT DE OURINHOS

O território é elementar na análise do comportamento da inclusão/exclusão social, Porém como é a paisagem LGBT de cultura pública-privada de Ourinhos?, essencialmente para população LGBT. Todo esse levantamento de análise que na comemoração do centenário de Ourinhos, a Geografia encontrada em um não espaço físico LGBT. Não existia uma paisagem, não existia uma memória, como se todos os corpos não estivessem presentes, processos as quais a população LGBT de Ourinhos se regulamentou, uma dificuldade de organização, caracterizando sempre como algo lento, bruto e solene. Entre a visibilidade e o armário, ausência e silêncio na cartografia dos corpos transgressores heteronormatividade, a um modelo de resistência as normativas, aqui expressadas em alterações sociais, culturais e econômicas desses eventos representados, integradas na sociedades contemporâneas, expressões de gênero e naturalização heterossexual, segregação, eventos marginalizados e o interior paulista LGBT.

O conceito de heterotopia, ocorridas no espaço geográfico como o território, transmite na perspectiva da paisagem, repassando a ininterrupta prática de transformação que tem o poder, num lugar de vários territórios. Toda cultura produz heterotopia aos

moldes desviante de seus indícios em relação as normas de conduta importantes pela sociedade corresponde, também um olhar material aos espaços dos desvios e das práticas sócio-espaciais observadas no trabalho.

Os eventos LGBT's de Ourinhos, portanto, são materializados em múltiplas paisagens, funcionalidades, heterotopia com o uso contínuo no espaço tempo, paisagem LGBT em cultura pública-privada “de dia/noite” que possuem um sistema de abertura e fechamento, usos diferenciados em relação ao espaço e a função de potencializar a visibilidade das diversidades de uso da paisagem e suas sexualidades engajadas.

Porém, a pergunta prevalente é: Por onde os LGBT já foram em Ourinhos? A pergunta ainda em aberto, suscita dúvidas e respostas, reflexões sobre o corpo como elemento da geografia.

NOTAS

4 O conceito de espaço paradoxal para evidenciar a multiplicidade e a plurilocalidade dos sujeitos permanentemente tensionados em relações de poder que podem estar na situação de centro e/ou margem da configuração territorial, dependendo do perfil de relação que se estabeleça.

5 A partir da memória oral, ao entrevistar Carlos Barra, ele afirma que foi o primeiro espaço LGBT de Ourinhos. Não como um espaço físico único-exclusivo, mas um lugar de interação social. Um bar de vida, casa noturna a noite.

6 Professor de história e estudos brasileiros, estudos latino americanos, brasilianista na Brown University e ativista dos direitos LGBT.

7 Comunicador Social, criador e coordenador do grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade. É professor adjunto 4 do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) Professor Milton Santos e professor permanente do Programa Multidisciplinar de Pós graduação em Cultura e Sociedade, ambos da Universidade Federal da Bahia.

8 Doutor em Antropologia Social. É professor Associado ao Departamento de Antropologia e Etnologia e é pesquisador associado ao Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas-CETAD, ambos da Universidade Federal da Bahia.

9 Doutor em Antropologia Social. Escreveu sobre religião, sexualidade e relações raciais. Ajudou a criar o curso de ciências sociais na recém inaugurada Universidade Estadual de Campinas. lecionou no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Uma de suas obras mais importante é O que é homossexualidade?

10 Professor de Direito (Instituições Judiciais e Cidadania) da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Coordenador do curso de Direito da Unifesp (2021 - 2023). Coordenador Adjunto do NúcleoTrans da Unifesp (2021 - 2023) Doutor em Relação Internacionais na Universidade de São Paulo (IRI - USP). Mestre em Teoria Geral e Filosofia do Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP).

11 Feira Agropecuária e Industrial de Ourinhos.

12 Pica Pau Festa e Eventos (Aluguel de Salões de Festa). Rua do Expedicionário, 1145, Centro Ourinhos/SP.

13 “paisagem/texto” - relações em vários sentidos na análise da paisagem e priviligia o ato criativo dos sujeitos sociais através de sua leitura e interpretação, evidenciando tanto as interações entre diversos grupos, quanto a grande dificuldade de interação interpretativa da paisagem entre grupos que não participavam dos mesmos códigos culturais. Esse autor cria uma abordagem política da paisagem e afirma que esta deve servir como parte constitutiva da análise de como a vida social é organizada e de como as relações de força que a compõem são constituídas, reproduzidas e contestadas.

14 Nomenclatura para diferenciar LGBT ricas e pobres.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, Julia. **Metropolitan lovers: the homosexuality and the city of cities**. Minneapolis: Minnesota University Press, 2009. 357.
- ABREU, Maurício de Almeida. Estudos geográficos da cidade no Brasil: evolução e avaliação (contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro). **Revista brasileira de geografia**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1/4, jan. / dez. 1994.
- BELL, David; BENNIE, Jon. Authenticating queer space: citizenship, urbanism and governance. **Urban Studies**, v.41, n.9, p. 1807-2004.
- BENNIE, Jon. **Quatering sexualities: gay villages and sexual citizenship**. In: BELL, David; JAYNE, M. (Ed.) *City of quarters*. Aldershot: Ashgate, 2004b
- BENNIE, Jon. **The globalization of sexuality**. London: Sage, 2004a.
- BENNIE, Jon; SKEGGS, B. Cosmopolitan knowledge and the production and consumption of sexualized space: Manchester’s gay village. **The Sociological Review**, n. 52, p. 39-61, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: historia e critica de um preconceito**. (Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira) 1.reimp. - Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.
- BRICKELL, Chris. Heroes and invaders: gay and lesbian pride parades and the public/private distinction in New Zealand media accounts. *Gender, Place and Culture*, v. 7 n. 22, 2000.
- BROWN, Michael. A geographer reads Geography Club: spatial metaphor and metonym in textual/sexual space. **Cultural Geographies**, n 12. P313-339, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996,
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.
- COSGROVE, Denis E. **Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria**. Espaço e cultura. Rio de Janeiro, n. 5, dez. 1998, p.27
- COSGROVE, Denis E.. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, p.101-102. Página 83 de 101.
- DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. Reconceptualizing the idea of culture in geography: a reply to Don Mitchell. **Transactions of the Institute of British Geographers**, London, v. 21, n. 3, 1996, p.577.

- FACCHINI, Regina. 2005. **Sopa de Letrinhas?:** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. São Paulo: Garamond Universitária.
- FOUCAULT, Michael. Of others spaces. In: DEHAENE, Michael; DE CAUTER, Lieven (Ed.) **Heterotopia and the city: public space in a post civil society.** London: Routledge, 2008.
- FREIRE, Lucas. CARDINALI, Lucas. O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. **Sexualidad, Salud y Sociedad** - Revista Latinoamericana n.12 - dec. 2012 - pp.37-63.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 57.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GREEN, James Naylor. **Além do carnaval.** (A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.) Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GREEN, James N. QUINALHA, Renan. CAETANO, Marcio. FERNANDES, Marisa. **Historia do Movimento LGBT no Brasil,** - 1.ed. São Paulo: Alameda. 2018.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- GUATARI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. **Espaço & debates,** São Paulo, ano V, n. 16, 1985.
- HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (org). **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Editora Lamparina. 2014
- HILLMAN, James. **Cidade & alma.** São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território,** Rio de janeiro, ano II, n. 3, jul. / dez. 1997.
- JAYNE, Mark. **Cities and consumption.** London: Routledge, 2006.
- LOBATO CORRÊA, **O Espaço Urbano.** Editora Ática, Série Princípios, 3a. edição, n. 174, 1995.
- LYNCH, Kevin. **La imagen de la ciudad..** Buenos Aires: Ediciones Infinito, 1974.
- MAGNANI, José Guilherme C.. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole.** Página 84 de 101.
- MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana.** São Paulo: EDUSP, 1996.
- MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2002.
- MENESES, Inês. Intimidade, norma e diferença: a modernidade gay em Lisboa. **Análise Social,** v. 34. n. 34, n. 153, p. 933-955, 2000. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais.
- PARKER, Richard G. **Abaixo do Equador** (culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil) Richard Parker; tradução de Ryta Vinagre. - Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PRADO, Rosane Manhães. Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. **Cadernos de antropologia e imagem,** Rio de Janeiro, n. 1, 1995. P. 35.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência**

universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SACK, Robert. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SEDGWICK, Eva Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Coimbra: Angelus Novus, 2004.

SAUER, Carl O.. Geografia cultural. **Espaço e cultura**. Rio de Janeiro, n. 3, dez. 1996, p. 4.

SILVA, Joseli Maria. Cultura e Territorialidade: uma abordagem da pequena cidade.

Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p.9-39, 2000.

SILVA., Joseli Maria (Org.). **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009. 313p.

SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. (Org) **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011. 263p.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Org.).

Geografias Malditas: corpos, sexualidade e espaço. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013. 400p.

TREVISAN, João Silvério. **Homossexualidade da colônia até a atualidade**. Ed. Revisada e ampliada 5a ed. , Rio de Janeiro: Record, 2002. 20p.

THÜRLER, Djalma. **A desguetificação da cultura guei**. Encontro Funarte políticas para as artes. Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2011.